

A HABITAÇÃO RURAL NA REGIÃO DO PARAITINGA

CARLOS BORGES SCHMIDT

O estudo detalhado do "habitat" rural em nosso país e, particularmente, dos diferentes tipos de habitações rurais constitui um dos capítulos mais pobres da Geografia Humana brasileira, no ponto de vista bibliográfico. A não ser as valiosas contribuições de Roy Nash, de caráter geral, e de Gilberto Freyre, em relação ao Nordeste, os trabalhos existentes sobre o assunto pecam por serem por demais sintéticos ou por se referirem a exemplos isolados.

De longa data vem o sr. CARLOS BORGES SCHMIDT, sócio cooperador da A. G. B. e alto funcionário da Secretaria da Agricultura, preocupando-se com os problemas do meio rural paulista. No presente trabalho, realiza o autor um minucioso estudo a respeito da habitação rural na região drenada pelo rio Paraitinga, em território paulista.

O meio. — A área ocupada pelo município de São Luiz do Paraitinga possui topografia movimentada. Se em alguns trechos a região pode perfeitamente ser considerada como de relêvo pouco acidentado, excluídas, é claro, as pequenas planícies fluviais que se estendem às margens dos cursos d'água, ela, em sua maior parte, é bastante montanhosa, apresentando aquela paisagem típica e tão bem caracterizada pela expressão "mar de morros", imagem geográfica das mais felizes. As rochas cristalinas deram origem a um solo barrento, muitas vezes menos moldável pela inclusão de areia, não raro carregado de detritos pedregosos, onde os tons claros aparecem, mas onde o vermelho é a coloração predominantê. Das matas primitivas, outrora existentes na bacia do Paraitinga — que uma agricultura itinerante e duzentos anos de machado, foice e fogo se incumbiram de destruir —, restam hoje raros capoeirões e escassas capoeirinhas, sobejando "tigüeras" quase que todo ano carpidas e novamente plantadas, o restante transformado em pastos onde a pecuária extensiva desde poucos lustros se estabeleceu.

Tôda a região é abundantemente drenada. Rios, córregos e ribeirões garantem um abastecimento de água mais que suficiente, com suas nascentes situadas mesmo em altitudes elevadas, estabelecendo, assim, condições favoráveis ao desenvolvimento da criação e

não dificultando, até um certo limite, a localização do homem, onde melhor lhe pareça.

Em franca competição com a lavoura, vem a criação, desde já algum tempo, levando a melhor, suplantando a mais antiga e trabalhosa atividade agrícola e transformando, pouco a pouco, tôda a antiga área plantada em extensas e quase ininterruptas pastagens de capim gordura. O caboclo paraitingano, renitente, teima ainda em plantar milho e feijão, por excelência, de permeio com as pequenas culturas de batatinha, as quadras de batata-doce, as toceiras de cana, e um pouco de arroz, mandioca, cebola, alho e fumo. Ele mesmo é quem ainda cria e engorda algum porco, pois para isso é preciso deitar lavoura. Mas o criador forasteiro, mineiro principalmente, cada vez mais amplia as invernadas, multiplicando os seus rebanhos de engorda ou de leite, fomentando com isto a instalação de usinas de beneficiamento, e dando origem, assim, a interêsses cada vez maiores pela exploração pecuária. Quando não, reserva importantes áreas em pastagens para a recria de bezerras. Além disso, alguma criação de burros e cavalos, atividade já tradicional na região.

Preferem os criadores comprar, embora vindo de longe, o de que precisam para o seu sustento. Deixa-se a lavoura pela criação. A terra cumpre o seu fadário de despovoamento inelutável.

Estradas que servem ao tráfego de automoveis, caminhões e ônibus durante quase todo o ano, salvo quando, no auge das chuvas, lamaçais, ou barreiras caídas, por algum tempo criam obstáculos à circulação; caminhos por onde os carros de bois, de eixo fixo e aros largos, quando não aquêles ainda que com o seu chiado característico quebram o silêncio dos ermos, tudo fazem por se desincumbir do transporte da produção agrícola; simples trilhas, apenas transitadas por tropas, cavaleiros e pedestres, são as componentes do intricado aranhol das vias de comunicações. Por elas circula o homem, circula o gado, circula o produto do trabalho da terra. Umas, as estradas de rodagem, atravessam de extremo a extremo as lindes da comunidades, entrelaçando os municípios limítrofes e os distritos mais distantes da sede municipal; os outros, os caminhos de carro, facilitam o acesso aos bairros principais do município e contribuem, de sua parte, para o intercâmbio comercial e a distribuição dos produtos econômicos; as últimas, as trilhas de tropas e boiadas, permitem sejam alcançados os mais recônditos locais e o mais ignorado e distante dos habitantes rurais. Se uma parte da produção agrícola da região é consumida no próprio local em que é obtida, essas vias, porém, são a base fundamental para o abastecimento do centro urbano do município e para a remessa de grande parte dos produtos da terra para além das suas fronteiras administrativas.

O elemento humano. — A população do município de São Luiz do Paraitinga andaria, segundo estimativa oficial, por volta de 22.767 habitantes, ao fim de 1946. Admitindo-se para a sede do município 1.360 habitantes e outros 371 para a do distrito de Lagoinha (ou sejam 17,21% da população total, que era essa a relação existente segundo o censo demográfico de 1934), verifica-se que a população rural atinge a 21.036 pessoas. Variando o número de pessoas em cada família entre 2 e 10, ou mais, em alguns casos, pode-se, entretanto, tomar a média de 5 pessoas como certa ou muito aproximada. Seriam, nesse caso, cêrca de 4.247 famílias, ocupando outras tantas habitações rurais.

Quanto à origem da população, predomina, de maneira absoluta, a ascendência brasileira. Entre aquêles indivíduos recentemente chegados à região, os procedentes do Estado de Minas Gerais são a quase totalidade, muito embora alguns tivessem vindo dos Estados do Paraná e Rio de Janeiro. Pretos e pardos talvez ultrapassem por pouco os 10% da massa demográfica total. Estrangeiros, praticamente, inexistem. A população é tradicionalmente brasileira. Aliás, a área tôda do vale do Paraitinga e adjacências pode ser considerada como uma das mais brasileiras de tôdas as regiões paulistas. Guarda, assim, a casa rural feição tipicamente nossa.

Nascidos no local, vindos de fora, preferentemente da vizinha Minas Gerais, uns e outros quando, por fôrça inelutável do êxodo rural, são compelidos a abandonar a terra, partem para Taubaté e se espalham por Tremembé e Quiririm, vão para Guaratinguetá e Pindamonhagaba, ou dirigem-se com destino à capital paulista, último "eldorado" dos que já se desiludiram nas lides agrícolas.

Se até um certo ponto os filhos, ao atingirem a maioria, continuam a residir na casa paterna, não é essa, ao que parece, a regra geral. Comumente vão trabalhar fora. Pequena é a porcentagem daqueles que, depois de casados, não instalam o seu próprio lar. E o normal parece ser o estabelecimento da sua nova morada não muito perto daquela que, até então, fôra também a sua. Não são comuns, por isso, as casas de dimensões avantajadas.

Goza a pequena propriedade de posição destacada. O pequeno proprietário, lavrador em suas próprias terras, é ainda na região um elemento econômico comum. Por isso mesmo, maior se torna o drama da expulsão do homem pelo gado, graças à concentração da propriedade, resultante da chegada à região de criadores mineiros, seduzidos pelo preço da terras ainda relativamente baixo. O sistema de parceria agrícola, ali chamado de "trabalhar de arrendo", é ainda hoje bastante difundido, muito embora mais o fôsse anos

passados. O restante da massa dos trabalhadores agrícolas está integrada pelos camaradas diaristas, principalmente, e mensalistas.

O trabalho feminino na agricultura é condição normal na vida social e econômica da região. Ocorre durante o ano todo, praticamente, quando, excluídos os serviços de foice e machado, à mulher é permitido oferecer a sua contribuição individual nas labutas da lavoura ou no trabalho da criação. No preparo das "tigüeras", na sementeira, nas limpas do roçado e na colheita, a mulher nem sempre permanece em casa até que, preparado o almoço, vá à roça levá-lo e aí fique empenhada no rude trabalho agrícola. Na maioria das vezes, a comida é preparada pela madrugada e, antes que enxugue o orvalho da manhã, lá vai ela, enxada ao ombro, o filho menorzinho pela mão, rumo ao roçado, onde permanece até que o dia se finde.

Coisa semelhante ocorre em relação ao trabalho infantil. Geralmente, a partir dos oito anos de idade, a criança auxilia aos pais no trato da lavoura ou nos cuidados com a criação; principalmente quanto ao primeiro, pois que a responsabilidade é menor e o auxílio pode ser exercido sob as vistas dos maiores. Ou a criança ajuda o dia todo, ou então trabalha apenas no período da tarde, depois de satisfeitas as obrigações escolares, quando as há. A criança é, normalmente, um auxiliar da família, por isso que não se vê solicitada apenas para cooperar nas épocas de acúmulo de serviço, quando a lavoura fica "apertada" pelo mato ou quando de uma colheita imediata depende o remate feliz da labuta que já durara meses; quando ajuda, ajuda durante todo o ano agrícola. Tal como o trabalho feminino, muito raramente ocorre apenas nas épocas de acúmulo de serviço.

As habitações rurais. — As habitações rurais da região do Paraitinga são, em sua grande maioria, construídas de *pau-a-pique*, barreadas e cobertas de sapé. Muito embora possam ser encontradas em grande número casas desse mesmo gênero, porém cobertas de telhas comuns, tipo canal, e em proporções ainda menores casas com paredes de tijolos e cobertas de telhas, não pode haver a menor dúvida quanto ao fato de preponderarem de maneira absoluta aquelas do tipo primeiro referido.

Além destes tipos principais, outros podem ainda ser observados, embora ocorram em proporções muito reduzidas. Nas construções de dimensões maiores, a *taipa* (terra socada) vem resistindo aos anos e anos que já transcorreram desde quando ainda era usual este sistema de edificação. No outro extremo, pode ser encontrada a humilde habitação rural feita de *pau-a-pique* sem barrear, coberta de

sapé. Excessivamente pobre, é verdade, porém as mais das vezes provisória.

Nas suas formas exteriores, as habitações rurais da região muito se assemelham entre si. Possuem, em geral, planta retangular, dimensão maior na frente que da frente ao fundo, coberta em duas águas, e entrada principal no lado do beiral, que assim protege a porta da frente. Ainda planta retangular possuem aquêles tipos de habitações que incluem um puxado construído na parte posterior da casa, em continuação das paredes laterais e em todo o comprimento da habitação, cuja cobertura é um prolongamento de uma das águas da cobertura, estendido segundo o mesmo plano da parte principal, deixando o beiral trazeiro mais próximo ao chão que o da parte da frente.

Muito embora a construção de terra socada (taipa), já desde anos caída em desuso, tivesse sido, no passado, uma das soluções adotadas para o problema da construção da habitação rural, não se pode dizer ter havido uma substituição daquele tipo primitivo pela atual casa de pau-a-pique, barreada e coberta de sapé. Esta parece, deve ter sido, desde os primeiros tempos do povoamento da região, o tipo mais difundido, e quase exclusivo, da habitação rural popular.

Compridas umas, quadradas outras, possuindo algumas vezes dois ou três corpos, nem sempre reunidos, a casa rural do Paraitinga apresenta, como toda regra, suas curiosas exceções. A construção sobre estacas, tal como é geralmente compreendida, inexistente. Não é por isso, todavia, que deixam de ser encontradas algumas casas levantadas sobre esteios, altas do chão, e cuja parte inferior, geralmente em aberto, serve de abrigo à criação miúda.

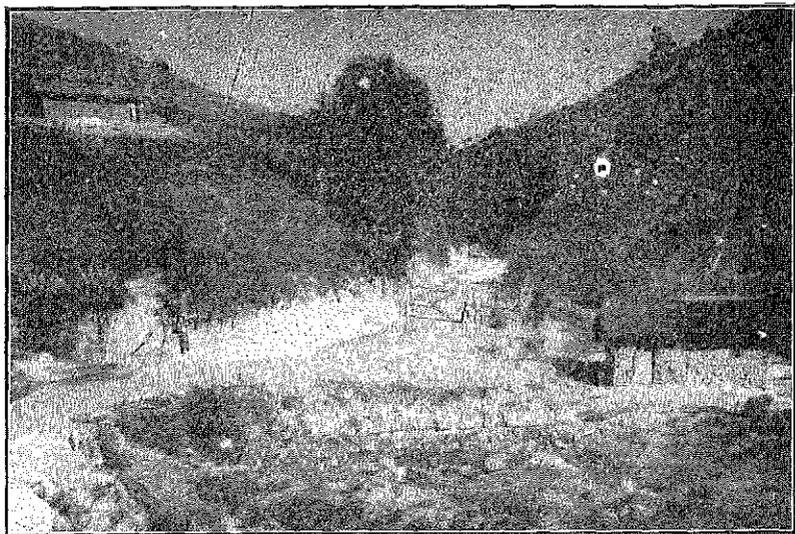
Acontece, muitas vezes, que a casa de moradia não é exclusivamente para residência. Comumente, desempenha uma função diversa, e quando isso acontece, a casa é, antes de tudo, tulha ou paiol: *tulha* quando uma de suas partes se destina à guarda de mantimentos (feijão, arroz, etc.), farinha, fubá, fumo já torcido, etc.; *paiol* quando usada para depósito da safra de milho, ainda em casca. Outras vezes uma das partes da habitação serve para *quarto de despejo*, tudo pode então ser aí guardado; a começar pelos arreios de montaria e pelas cangalhas, bruacas e jacás da tropa. Caso contrário, há de ser *venda* ou *escola*, mas isto naquela de proporções mais respeitáveis e de aparência menos humilde. Quando o dono da casa exerce uma profissão qualquer, que não a de lavrador, num cômodo ao lado instala a sua *tenda de trabalho*, seja de trançador, seileiro, ferreiro, carapina, barbeiro, ou seja lá o que fôr.

Procura o caboclo os lugares planos, de preferência, para localizar a sua habitação. Aí dispõe de mais amplo espaço para, ao redor, construir: o paiol; o rancho para depósito; o chiqueiro, quer de criar, quer de engorda; o cercado da horta, onde ao lado de uns poucos pés de couve fará o canteiro onde serão lançadas as sementieras de fumo ou de cebola; a mangueira onde dará milho à tropa e sal ao gado, e, por fim, onde estabelecerá o seu terreiro, um amplo espaço de chão bem firme e constantemente varrido, onde será, nas épocas propícias, malhado o feijão ou espalhado o arroz para "revenir", isto é, fazê-lo chegar ao ponto exato de secagem. Aproveita, para isso, as pequenas várzeas, adjacentes aos cursos d'água, evitando, destarte, qualquer movimento de terra para o estabelecimento da habitação, a contrução principal e a que exige, por isso, um mais amplo espaço para a sua base.

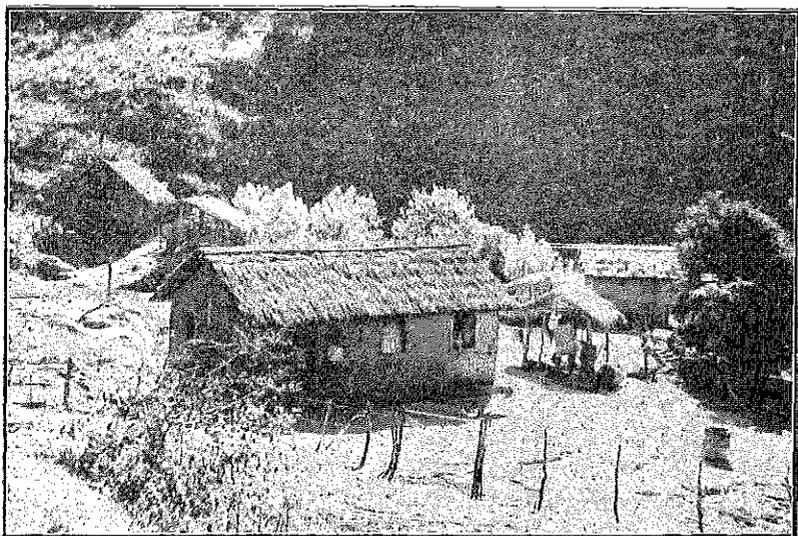
Quando não dispõe de razoável extensão plana para a construção da sua habitação e das benfeitorias anexas nas mencionadas condições, não vê como senão subordinar-se à escravização imposta pelo abastecimento de água e, em vez de galgar as encostas e procurar as alturas, sujeita-se a construir a sua morada até mesmo nas grotas "noruegas". Quando o líquido precioso é de fácil obtenção nos terrenos elevados, em lugar das frias grotas opta pelas meias-encostas. Raramente o vemos estabelecer a sua morada, em razão mesmo dêsse fator fundamental, nas partes mais altas dos espigões. No equipamento material das habitações rurais do Paraitinga inexistente, praticamente, qualquer sinal de apêlo aos recursos mecânicos de abastecimento de água.

Na área em aprêço, o "*habitat*" rural apresenta, de um modo geral, as duas formas extremas de ocorrência. Dispersa-se nos lugares onde predomina a pecuária e nas próprias áreas principalmente dedicadas à lavoura, pelas casas dos agregados ou pelos sítios dos pequenos proprietários. Menor grau de dispersão apresenta nos lugares onde a propriedade está mais subdividida e resistindo, ainda, à quase total ocupação da terra pelo gado. Concentra-se, por outro lado, nos lugares onde se estabeleceram bairros, à semelhança do dos Passarinhos, ou onde se fundaram arraiais, a exemplo do de Santa Cruz do Rio Abaixo.

Raramente a mulher colabora na construção da casa. Quando o faz, executa os trabalhos mais leves, tais como a carpição e a limpeza do local e imediações, a ajuda no socar dos esteios, o preparo dos pequenos feixes de sapé que, de um em um, são jogados ao incumbido de cobrir a habitação. Camaradas pagos são, geralmente, os principais auxiliares e executores da construção. Mas o auxílio prestado pela vizinhança, quer sob a forma de "dias trocados", em que o proprietário pagará amanhã, também em serviço o auxílio



1. Escravizado ao abastecimento de água, o caboclo não vê como deixar de localizar a sua morada, a maioria das vezes, bem próximo aos pequenos cursos d'água, ou nas meias-encostas, não podendo, por isso, galgar os espigões mais elevados (Foto do autor).



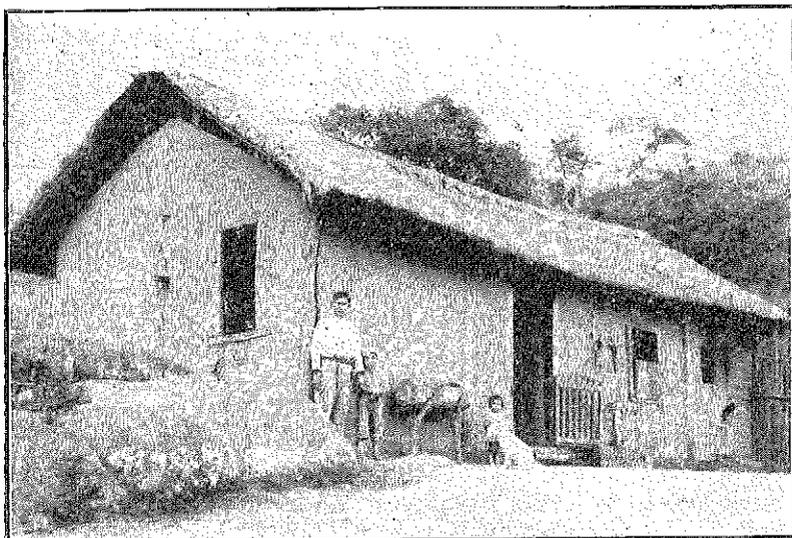
2. Quando a casa se situa em um terreno mais assentado, torna-se muito fácil a localização, ao redor, das demais benfeitorias: o paiol, um ranchinho para a moenda rústica, o chiqueiro de ceva, um rancho para prender criação, etc. (Foto do autor).

recebido, quer sob a modalidade de mutirão, ocorre freqüentemente. Se o auxílio isolado e pessoal é prestado em tôda e qualquer das fases da construção, principalmente para ajudar a tirar e transportar a madeira do mato próximo, o que, praticamente, ninguém pode executar sozinho, o auxílio coletivo, sob a forma de mutirão, é oferecido por excelência no barreamento da casa, que todos os construtores apreciam fazê-lo em um mesmo dia e todo de uma só vez. E a vizinhança, quando ocorre para prestar a sua ajuda, além do barreamento feito costuma deixar também a casa coberta.

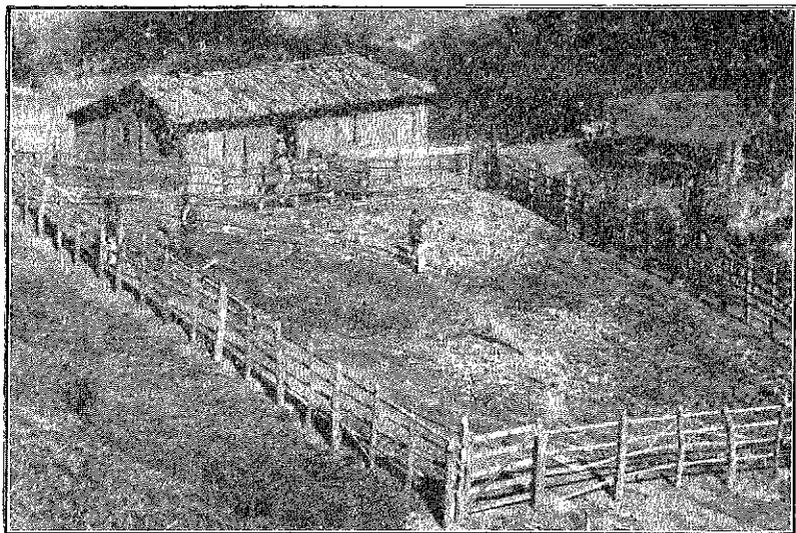
Salvo raríssimas exceções, as habitações rurais denotam, em seu aspecto, descuido por parte dos moradores no que diz respeito à sua conservação. Se na maioria êsse aspecto é regular, desce a péssimo em bom número delas. Não que essa conservação inexista. Ela é indispensável, por isso que, fôsse de outra maneira, nas casas simplesmente barreadas, o barro acabaria por se desprender das ripas e barrotes, e a intempérie e a indiscrição humana varreriam de lado a lado a casa do caboclo. Em razão disso, o homem conserta, de vez em quando, os defeitos e os estragos que se vão apresentando. E tal seja a sua ocupação, desviada principalmente para os trabalhos da roça, ou o desleixo natural que todos possuímos, à custa da varrição diária abrem-se buracos pelo chão que não são tapados, portas e janelas passam a fechar mal, o barro desprende-se das paredes, criam-se goteiras na cobertura. De vez em quando, um esteio é cortado pela podridão ao rés do solo; se não o renova o proprietário, a casa, mais dia, menos dia, sairá do prumo.

Quando a habitação está situada próximo ao roçado, ou melhor, quando êste é feito a curta distância da habitação, nada impede que a casa sempre desempenhe a sua principal função, que é a de abrigar o homem contra as intempéries. Mas se a lavoura é feita a certa distância, nem sempre possível de ser coberta rapidamente, quando o tempo muda súbitamente, e um aguaceiro obriga a suspender a faina roceira, o lavrador não vê outra solução que não a de construir, junto ao local do trabalho, um abrigo de emergência para aquêles momentos de surpresa. Serve êste não só para agasalhar contra o mau tempo como para propiciar uma sombra amena e benfazeja na hora do almoço ou no descanso do café. Os abrigos construídos na roça são simples e rudimentares: quatro estacas de pouco mais de metro de altura sustêm a cobertura de sapé de duas águas; quando não, nos modelos mais simples ainda, esta é apoiada sobre o próprio solo. E nenhum com dimensões, na base, maiores que 3 ou 4 m de comprimento por 2 ou 3 m de largura.

A casa típica. — A habitação rural típica do Paraitinga é a casa de paredes de pau-a-pique, barreadas, e cobertura de sapé. É



3. As habitações rurais da região do Paraitinga são, em sua maioria, construídas de pau-a-pique, barreadas e cobertas com sapé. As dimensões da frente são maiores que a da frente aos fundos (Foto do autor).



4. Algumas das habitações, todavia, fogem da regra geral, e várias delas podem ser encontradas apresentando cobertura feita com telha comum (Foto do autor).

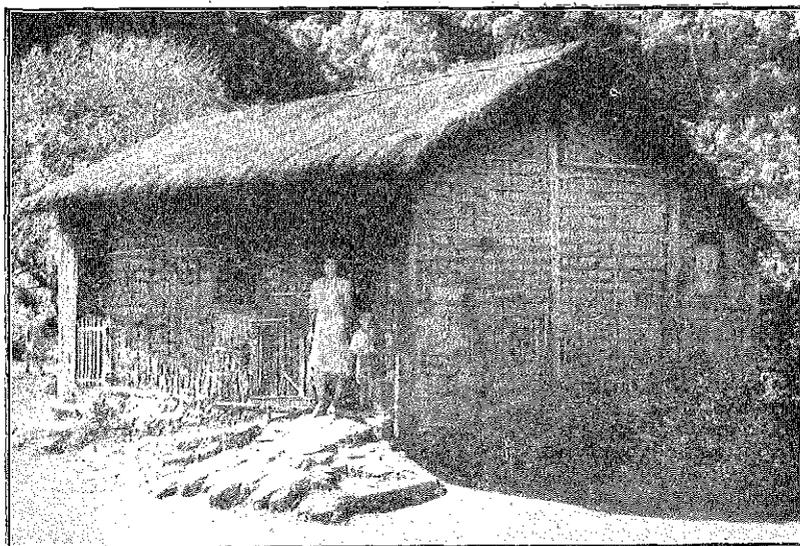
construída, em geral, à beira do córrego, do ribeirão ou do rio, a uma distância que não ultrapassa de meia centena de metros. O caboclo, ao estabelecer a sua morada opta pela face do terreno que melhor receba os raios solares, as faces "batadeiras", isto é, onde bate bastante sol. Por isso, estão situadas naqueles terrenos expostos entre norte e nordeste. Não quer isso dizer, entretanto, que não se encontrem casas construídas em terreno de face sul, "contraface" ou "noruega", como dizem, se não pode o proprietário dispor de local mais conveniente.

A frente da habitação está quase sempre voltada para o caminho, ou êste passa pela direita da casa. Nada existe que possa servir de proteção à casa, seja vegetação natural, propositadamente ali deixada, sejam árvores plantadas.

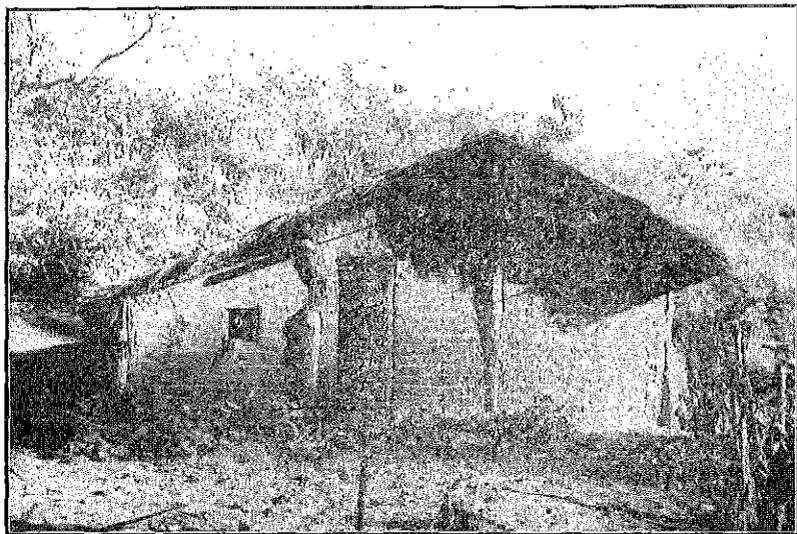
A escolha do local onde a casa deve ser construída está condicionada, principalmente, à existência de água próxima. Êste parece ser sempre o motivo fundamental, vindo a questão da topografia em segunda plana, quando então é preferido o terreno plano ao acidentado. A proximidade de vizinhos também é fator positivo na escolha do local. São, para o caboclo, maiores as vantagens que os inconvenientes apresentados pela vizinhança. Nesta poderá encontrar auxílio nos "dias trocados", nos mutirões, nos casos de doença, e mesmo nas horas de aperturas, quando falta algum alimento e pode êste ser tomado por empréstimo do morador mais próximo.

Em terreno plano, construída que é de preferência, para a sua edificação a casa não exige movimento de terra algum. Assenta diretamente sôbre o solo. Podendo, assim, dar à frente da casa a orientação que melhor lhe convenha, depois de ter preferido um terreno com boa face, o caboclo não se preocupa com a exposição da fachada principal. A casa tanto pode possuir a frente virada para o norte, como para o sul, para leste ou para oeste. O importante, neste particular, é que a frente olhe para o caminho próximo.

Poucas são as habitações que apresentam um cercado ao redor; muito poucas mesmo. E quando isso acontece, o cercado é feito sem mostrar preferência por determinado material. Tanto lançam mão, para isso, da taquara, como do arame farpado ou do simples pau roliço. O que fôr mais fácil. Um cercado a mais, geralmente feito de bambu, em pé e bem juntinho, muitas vezes pode ser visto; destina-se às sementeiras ou a uma horta rudimentar. E nesta, além da couve infalível, cultivam uns pés de alface, repólho, cebola, ervilha, tomate e alho. Raramente uma aboboreira, que esta preferem plantar nas roças de milho, intercalado com o precioso cereal. Pomares são raros, e quando existe coisa que possa levar tal nome, são três ou quatro laranjeiras caipiras e uns pés de pêssego salta-carôço.



5. As habitações do Paraitinga possuem planta retangular, coberta em duas águas e entrada principal pelo lado do beiral, que assim protege a porta da frente (Foto do autor).



6. Muitas habitações incluem um puxado construído na parte posterior, em continuação das paredes laterais (e em toda a largura da casa), cuja cobertura é um prolongamento de uma das águas da cobertura (Foto do autor).

Ou então umas jabuticabeiras, que já vieram do tempo dos avós e goiabeiras que nasceram espontâneamente pelos arredores.

A casa comum possui de três a quatro cômodos: uma sala, um dormitório e uma cozinha, no primeiro caso, passando a possuir dois quartos de dormir na segunda alternativa. Às vêzes, dois cômodos apenas. As dimensões são, em geral, reduzidíssimas. Mal cabe uma cama, de dimensões comuns, na largura ou no comprimento dos quartos de dormir. As salas são os cômodos que possuem maior área. Nas casas pequenas, habitadas por famílias numerosas, fazem as vêzes de dormitório. Ali se estendem as esteiras, sôbre o solo, quando cai a noite, quando os quartos de dormir não comportam mais gente. Ou então na própria cozinha, nas noites invernosas.

As áreas cobertas, nas habitações, variam desde 10m², nas menores e de dois cômodos apenas, até 45 ou 50 m², nas maiores, de três ou quatro peças. Nas de dimensões mais exíguas e de menor número de cômodos, êstes chegam a possuir até menos de 5 m², em média, valor êsse que se eleva nas maiores, e de três ou quatro cômodos, até a 12 m².

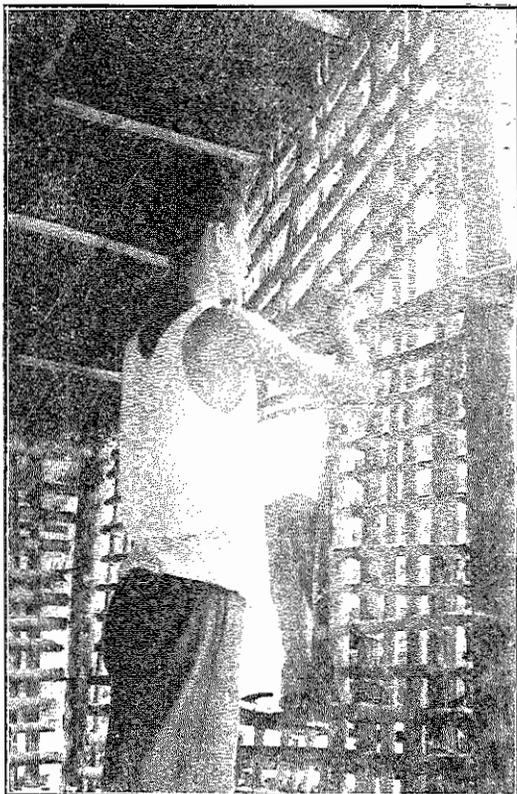
As dimensões externas da casa variam nas mesmas proporções. Existem casas minúsculas, com planta de 2 m x 5 m. Não são a regra, todavia. Casa pequena, por exemplo, pode ser considerada aquela que possua 3,5 m x 4 m. Casas maiores — claro que entre as mais modestas — possuem dimensões tais como 6,8 m x 7 m, ou pouco mais, ou pouco menos. Casa média seria uma com três cômodos e dimensões externas de 4,3 m x 7 m.

Os cômodos não possuem fôrro algum, e os pisos são, geralmente, de terra batida. Raramente pode ser encontrada uma ou outra casa que possua fôrro de esteira, feita de taquara, e de vez em quando uma ou outra casa com piso de tábuas ou tijolos. Mas nenhum dêsses melhoramentos pode ser considerado como regra. A casa típica não possui fôrro e nem outro revestimento para o chão que não seja o próprio solo.

Os pés-direitos, nas casas mais baixas, não possuem mais que 1,8m de altura. Nas mais altas alcançam cêrca de 2,7m. A altura das habitações, ao nível da cumieira, oscila entre 2,5m e 4m. Em geral 3m, ou pouco mais. A altura dos pés-direitos e a da cumieira devem sempre permitir uma inclinação da coberta de tal ordem que as águas possam correr livremente, sem perigo de causar prejuízos ou estragos na palha; e que impeça, também, a formação de goteiras. Pés-direitos e cumieira devem possuir, por isso, uma relação adequada de alturas, conhecendo o construtor, caboclo a maneira de determiná-la com exatidão. Sabe dar o "ponto" certo, como dizem.



7. Nos trabalhos mais leves, a mulher auxilia a construção da casa. Enquanto o marido, pelo lado interno, coloca as ripas da parede e vai passando o cipó em volta, ela, por sua vez, do outro lado, chega aos barrotes a ripa externa (Foto do autor).



8. Um por fora, outro pelo lado interno, os dois construtores caboclos vão batendo o barro no gradeado feito de barrotes e ripas (Foto de autor).

As paredes, uma vez barreadas, ficam com uma espessura que varia entre 15 e 20 cm. Raramente são rebocadas. E quando o são recebem duas demãos de um rebôco feito, na maioria das vezes, de três partes de barro, uma de areia e um pouco de cal. Se pintadas, o são com cal, predominando côres como o branco, o cinzento e o azul. Mas as casas do Paraitinga quase nunca recebem outro revestimento além do próprio barro das paredes. Por isso, são vermelhas, mais claras ou mais escuras. Suas côres são a própria côr da terra.

As paredes internas quase nunca são rebocadas. E como são construídas com material muito menos resistente, quanto à sua estrutura de madeira, possuem espessura que fica bem aquém da das paredes externas e que varia entre 10 e 15 cm. Em geral não vão até a coberta, sendo construídas apenas até a altura do pé-direito.

As cobertas, como vimos, são quase sempre feitas de duas águas, não apresentando nenhuma particularidade notável. Os beirais, às vezes mais largos, outras mais estreitos, variam entre 30 e 60 cm, o suficiente para dar relativa proteção às portas e às janelas. Predominam as cobertas em que as duas águas possuem iguais dimensões: a cumieira divide a casa em duas metades iguais. Quando ocorre o puxado trazeiro, como foi atrás explicado, então uma das águas da coberta possui maior superfície que a outra, porisso que a ela cabe abrigar também a área representada pela parte adicional da habitação.

A porta de entrada, ou principal, situa-se sempre na frente da casa e do lado do beiral, sendo que a porta dos fundos, ou da cozinha, dá saída, às mais das vezes, pelo lado do oitão. Pelo menos uma janela, geralmente, situa-se ao lado da porta de entrada, na frente da casa. As outras distribuem-se igualmente pelos lados esquerdo e direito da habitação, preferentemente. Com menor freqüência pela parte trazeira. Não estando em relação muito íntima com a altura do pé-direito, os peitoris das janelas encontram-se a alturas que variam entre 80 e 120 cm, a contar do piso. Sua largura oscila entre 60 e 75 cm, sendo que medeia entre 40 e 150 cm a altura do peitoril à cumieira. As portas, por sua vez, com 180 cm de altura, pouco mais ou menos, dão passagem franca a pessoas de estatura mediana.

Portas e janelas são sempre de uma só fôlha. Inexistem janelas que não sejam simplesmente de fôlha escura, uma simples tábuca de 1 a 3 cm de espessura. As portas enquadram-se nesta última medida. As internas, em geral, não possuem fôlha, o que chega a acontecer até mesmo com aquelas que dão acesso aos quartos de dormir.

Particularidade notável pode ser observada em certas habitações: acontece, algumas vezes, que a casa dispõe de apenas uma ou duas janelas, situadas em um dos cômodos de dormir ou na cozinha; nenhuma, entretanto, para o lado da frente principal. Acontece mesmo,

embora muito raramente, não possuir a casa janela alguma. Em qualquer desses casos, no ripado da parede, deixa o caboclo um pequeno espaço sem barrear: faz às vezes de janela; serve para espiar para fora, a ver quem vem vindo, quando a cachorrada late.

O puxado mais comum na região é aquêle representado por um acréscimo trazeiro ao longo da casa tôda, fechâdo por todos os lados e parte integrante, mesmo, da habitação. Percebe-se a existência de um puxado, nesses casos, pelo fato de serem mais baixos os pés-direitos trazeiros e pelo aspecto geral da coberta, com uma das águas maior que a outra. De outra maneira, não haveria senão como considerar inexistente essa peça. Rodeado de paredes, como se fôsse um cômodo qualquer, o puxado é utilizado para os mesmos fins das demais dependências. No todo ou em parte, tanto pode servir para dormitório, como para cozinha, dispensa ou depósito.

Construída com material novo — madeira tiraça no mato próximo ou trazida de outro local — ou levantada com material aproveitado de uma casa velha qualquer, a habitação, de vez em quando, exige do morador algum reparo ou consêrto. E êste é feito, em geral, com material idêntico, isto é, o mesmo pau a pique barreado. E se sobrevém a necessidade de um aumento da área habitável, a regra é a mesma. E nesse caso, o material da coberta não deixa de ser, também, o sapé.

A durabilidade da casa de pau-a-pique, barreada e coberta de sapé, varia, em condições normais, entre 10 e 15 anos, embora, durante êsse tempo, exija certos cuidados de conservação, por parte dos moradores.

Para a construção do fogão procuram sempre conseguir alguns tijolos, pois êste material facilita, sobremaneira, o trabalho de erguê-lo. Se não é possível obtê-los, o recurso é construí-lo de terra pura, Levantam-no com barro pouco umedecido, socado, e deixam que seque, para que ganhe a suficiente resistência. Usam fazer o fogão sôbre o solo, diretamente. Nada de construí-lo sôbre estacas. Mesmo assim, sua altura varia entre 50 cm e 120 cm. Fogão típico pode ser considerado aquêle de 60 cm de altura, com 50 cm de largura e 80 a 90 cm de comprimento. Alguns possuem chapa de ferro, com três buracos, em média. Outros, com os buracos abertos no próprio barro, não possuem mais que um par dêles. Pedacos de ferro auxiliam a obtenção de relativa solidez. Raras são as chaminés internas e mais raras ainda as externas. Quando existem, são feitas de tijolos ou manilhas. O mais usual é deixar na parede, próximo e acima do fogão, um pedaço do ripado sem barrear. Por ali sai a fumaça.

O abastecimento de água é coisa relegada. A água necessária aos usos domésticos é trazida da nascente em vasilhas, onde é apanhada

na bica, ou do córrego ou ribeirão. Dêstes últimos de preferência, pois parece não haver uma preocupação muito grande em construir a casa próximo a uma mina de água. Contanto que exista um riacho não muito distante, está solucionado o importante problema.

Da mesma forma age o nosso homem quanto ao destino das águas servidas. Não se preocupa com nenhuma instalação adequada. Despeja-as pela janela e elas ficam, em geral, estagnadas junto à casa.

A dispersão das habitações rurais contribui bastante para que os seus moradores não vejam necessidade em construir privadas. Servem-se das capoeiras e matagais dos arredores da casa. Raros, bem raros mesmo, são aqueles que se dão ao trabalho, ou luxo, de construir, a meia centena de metros da habitação, uma do tipo mais elementar: simples buraco, rodeado de quatro paredes de pau-a-pique barreado, com tósca coberta de sapé. Nestas construções, geralmente, não há o menor capricho, quanto ao acabamento. Fato diferente ocorre quando as habitações rurais se concentram em bairros, como o dos Passarinhos, por exemplo. A proximidade das casas e a inexistência de amplos espaços ao redor, por isso que as suas duas linhas de habitações se espremem, em ambos os lados da estrada, entre os morros e o Rio Paraitinga, obrigam à construção de privadas de buraco, protegidas por quatro paredes.

Não existem instalações especiais, qualquer que seja a sua modalidade, para banhos. Para tal fim usam bacias de fôlha e, raramente, gamelas, tanto os adultos quanto as crianças. E quando o fazem, dão preferência às horas da noite, ou da tarde, quando muito. Nunca pela manhã.

A ventilação da casa entra, geralmente, no rol de preocupações do construtor. Para que um melhor arejamento possa ser conseguido, principalmente daqueles cômodos onde não existem janelas, e da cozinha, embora aí exista este tipo de abertura, costumam deixar, geralmente na parede do oitão, acima do nível das demais paredes, um espaço aberto, no ripado, sem receber barro. No alto, terminando quase sempre no caibro da coberta, e protegido contra as chuvas pelo beiral lateral. Por ali sai a fumaça, o ar quente do fogão, provocando, em contra partida, a entrada de ar novo e puro pela casa a dentro.

Muito embora a lareira do tipo clássico seja desconhecida, nem por isso os moradores daquela região de clima temperado deixam de recorrer, nas noites frias, a um aquecimento artificial. A falta de agasalhos suficientes muito concorre para isso. Reunem-se, então, os moradores ao redor do fogão e ali ficam até altas horas. Quando o frio é mais intenso, trazem suas esteiras, estendem-nas ao lado do fogão, e ali passam a noite. Raros são, principalmente nas pequenas e humildes casas rurais, aqueles que acendem um fogo para tal fim.